

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



INTERFERÊNCIA DAS CRENÇAS RELIGIOSAS NO COMBATE DA HOMOFOBIA NA ESCOLA

Interference of religious beliefs in the combat of homophobia in school

Luciano Pereira dos Santos¹

Helena de Araujo Neves²

Rita de Araujo Neves³

Resumo

Na escola, assim como em outros espaços, a homofobia aparece nos discursos docentes, nas piadas de alunos, nas posturas de funcionários, etc. Este trabalho tem como objetivo investigar se as crenças religiosas de docentes interferem nas práticas pedagógicas e no combate à homofobia na escola. Os sujeitos do estudo são 208 docentes de nove escolas de ensino básico da rede pública da cidade de Pelotas/RS. Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionários e foram compilados, tabulados e a discussão dos resultados pautou-se na técnica de análise temática de conteúdo. Ao fim, conclui-se que práticas pedagógicas atravessadas por fundamentalismos religiosos produzem e reproduzem a homofobia. Portanto, percebeu-se que é de fundamental importância a inclusão do debate sobre diversidade sexual nas grades curriculares promovendo, assim, o entendimento e o respeito às diferentes identidades sexuais e de gênero na escola.

Palavras-chave: Crenças religiosas. Homofobia. Práticas pedagógicas.

Abstract

In school, as in other spaces, homophobia appears in the teaching discourses, in student jokes, in the postures of employees, etc. This work aims to investigate if the religious beliefs of teachers interfere in pedagogical practices and in the fight against homophobia in school.

¹ Sociólogo e Cientista Político, Mestre e Doutorando em Educação no PPGE/FaE/UFPEL – Grupo de Pesquisa Processo de Trabalho Docente, D'GENERUS do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL/RS-Brasil. (lucianopereiraluciano@gmail.com);

² Publicitária, Mestra e Doutora em Educação pelo PPGE/FaE/UFPEL – Professora Adjunta nos Cursos de Design do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL/RS-Brasil. (profhelena.neves@gmail.com);

³ Advogada, Mestra e Doutoranda em Educação no PPGE/FaE/UFPEL – Professora Adjunta na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande/RS-Brasil – FADIR/FURG. (profarita@yahoo.com.br).

The study subjects are 208 teachers from nine public elementary schools in the city of Pelotas / RS. The data were collected through the application of questionnaires and were compiled, tabulated and the discussion of the results was based on the technique of thematic content analysis. Finally, it is concluded that pedagogical practices crossed by religious fundamentalisms produce and reproduce homophobia. Therefore, it was realized that it is of fundamental importance to include the debate on sexual diversity in the curriculum, thus promoting the understanding and respect for the different sexual and gender identities in the school.

Keywords: Religious beliefs. Homophobia. Pedagogical practices.

Considerações Iniciais

Ao longo da história da Educação, a escola enquanto espaço público de formação e socialização tem reproduzido e produzido diferenças ao promover a manutenção da heteronormatividade como norma social hegemônica. Tabus e preconceitos, advindos de uma multiplicidade de visões, crenças e valores que compõem o universo escolar, transformam as discussões sobre identidade de gênero e diversidade sexual na escola em um tema polêmico. Este trabalho tem por objetivo investigar se as crenças religiosas de docentes interferem nas práticas pedagógicas e no combate à homofobia na escola. Os dados constantes no texto foram coletados em 2015 e são oriundos de uma pesquisa de dissertação de Mestrado⁴, que analisou as contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada para o enfrentamento da homofobia na escola. Opta-se pelo recorte das religiosidades em virtude dos constantes atravessamentos de discursos religiosos nas crescentes discussões sobre diversidade sexual nas políticas educacionais na contemporaneidade – e por ser esta uma categoria não analisada na pesquisa original.

Dentre os aportes teóricos que fundamentam este trabalho estão os estudos de Daniel Borrillo⁵ sobre a homofobia, Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira⁶ sobre homofobia nos discursos religiosos, Guacira Lopes Louro⁷ e Rogério Diniz Junqueira⁸ sobre

⁴ SANTOS, Luciano Pereira dos. *Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola*. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelotas, 2016.

⁵ BORILLO, Daniel. *Homofobia – história e crítica de um preconceito*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

⁶ NATIVIDADE, Marcelo.; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobias em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, vol. 2, p. 121-161, 2009.

⁷ LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

diversidade sexual e homofobia na escola. Em termos metodológicos esta é uma pesquisa qualitativa e quantitativa e está ancorada nas investigações de Laurence Bardin⁹ e Maria Cecília de Souza Minayo¹⁰. Utilizamos questionários como instrumentos de coleta de dados e pautamos as discussões e análises dos resultados na técnica de análise temática de conteúdo. A estrutura do texto contempla as considerações iniciais, a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos da pesquisa, apresentação e discussão dos dados e as considerações finais.

Fundamentação teórica

O termo homofobia foi cunhado na década de 1970 e tinha como significado original o medo expresso por pessoas heterossexuais de estarem na presença de pessoas homossexuais, de lá para cá o conceito passou por muitos questionamentos e significações diferentes¹¹. Aqui, a homofobia será entendida, de forma sucinta, como preconceito e discriminação voltados às pessoas homossexuais¹². Conforme nos elucidava Daniel Borrillo em *“Homofobia: história e crítica de um preconceito”*:

Os elementos precursores de uma hostilidade contra lésbicas e gays emanam da tradição judaico-cristã [...] Por sua vez, o cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais – e, em seguida, as pessoas que os cometem – não só fora da Salvação, mas também e, sobretudo, à margem da Natureza. O cristianismo triunfante transformará essa exclusão da natureza no elemento precursor e capital da ideologia homofóbica. Mais tarde, se o sodomita é condenado à fogueira, se o homossexual é considerado um doente suscetível de ser encarcerado ou se o perverso acaba seus dias nos campos de extermínio, é porque eles deixam de participar da natureza humana. A desumanização foi, assim, a *conditio sine qua non* da inferioridade, da segregação e da eliminação dos ‘marginais em matéria de sexo’¹³.

A igreja cristã, ao condenar a homossexualidade promoveu a heterossexualidade monogâmica como norma, e, para isso, passou a pregar que as relações homossexuais eram

⁸ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009a, p. 13-51.

⁹ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

¹⁰ MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

¹¹ PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

¹² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

¹³ BORRILLO, 2015, p. 43-44. (Grifos do autor)

um dos pecados mais graves, tais como o canibalismo, a bestialidade ou ingestão de imundices. Essa visão passou a influenciar na maneira como as pessoas com orientação homossexual passaram a ser tratadas e foi se constituindo como uma prática homofóbica¹⁴.

Rodrigo Portella¹⁵ em seu artigo “*Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller*” vai nos dizer que para Pierre Bourdieu a religião poderia ser interpretada como uma linguagem, instrumento de comunicação e conhecimento, sendo então um veículo simbólico-estruturante a possibilitar um consenso acerca de certos signos e seus respectivos sentidos. É neste contexto que a instituição religiosa, constituindo-se como única e legítima depositária do tesouro da fé, se prevalece de um monopólio que vincula a ela o capital da distribuição da graça para controlar o acesso aos bens simbólicos e sua distribuição através do corpo eclesiástico que regulamenta a concessão desses bens. Já para Foucault, esta seria uma forma possível de controle da produção e circulação do discurso religioso que ao se propagar limita quem o acessaria oficialmente, exigindo qualificação para acessá-lo enquanto casta sacerdotal. Deste modo, a reflexão acerca dos atravessamentos de discursos religiosos nas crescentes discussões sobre diversidade sexual nas políticas educacionais da atualidade, se torna de extrema relevância para a investigação sobre a interferência de crenças religiosas de docentes nas práticas pedagógicas e no combate à homofobia na escola.

Historicamente a escola é uma instituição normativa, comprometida em manter a ordem social hegemônica vigente – a heteronormatividade. Segundo Nilson Fernandes Dinis¹⁶, tal conceito foi criado por Michel Warner, em 1993, para descrever a norma que toma a heterossexualidade como universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante. A heterossexualidade é tida como “normal”, “natural” e “universal”. Por conseguinte, outras formas de sexualidade são tidas como anormais, sendo percebidas como desvio, aberração, anomalias, crime, doença, imoralidade, amoralidade, perversão, pecado, etc.¹⁷.

¹⁴ BORRILLO, 2015, p. 53.

¹⁵ PORTELA, Rodrigo. Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller. *Fragmêntos*, Goiânia, vol. 16, no. 7/8, p. 567-576, jul./ago. 2006. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/46/43>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

¹⁶ DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, no. 39, p. 39-50, Editora UFPR, jan./abr. 2011.

¹⁷ JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009b, p. 111-142.

O padrão heteronormativo molda na escola as condutas de discentes e docentes. Treinar estudantes para o cumprimento de regras e enquadrá-las/los nos padrões sociais, é um dos atributos da escola¹⁸. Desse modo, a escola transmite e constrói conhecimentos ao passo que reproduz padrões sociais, consolida e perpetua valores e, constitui e constrói sujeitos, legitima relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. Atua como um aparelho disciplinador e mantenedor da norma¹⁹.

Na escola estão presentes as diversas formas de expressão da sexualidade. Em uma visão geral, de acordo com Maria Eulina Pessoa de Carvalho, Rosimary Alves de Melo e Eliana Ismael²⁰, “sexualidade é o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo/a.”²¹

A homossexualidade é encarada na escola, bem como em outros lugares, como “contagiosa”, o que promove, conseqüentemente, a exclusão de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT’s), uma vez que a aproximação pode ser compreendida como uma identificação a tal identidade, o que vem a reforçar a marginalização desse grupo²². O ambiente escolar se apresenta como hostil/intolerante e violento em relação à LGBT’s, configurando-se, muitas vezes, como espaço de produção e reprodução da homofobia²³. No ambiente escolar, assim como em outros lugares, a homofobia aparece nos discursos docentes, nas piadas de discentes, nas posturas de funcionárias/os, etc.²⁴.

Para além do medo e aversão a homossexuais, de acordo com Borrillo²⁵, existem outras formas de homofobia já que o fenômeno é plural e complexo. Existe o que ele chama de “homofobia geral” que se configura como uma discriminação pelo indivíduo demonstrar,

¹⁸ FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC*, Campinas, vol. 19, no. 3, p. 195-204, set./dez. 2014.

¹⁹ JUNQUEIRA, 2009a, p. 10.

²⁰ CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO, Rosimary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

²¹ CARVALHO; MELO; ISMAEL, 2008, p. 1.

²² LOURO, 2007, p. 19-20.

²³ JUNQUEIRA, 2009b, p. 13-51.

²⁴ LOURO, 2007, p. 19-20.

²⁵ BORILLO, Daniel. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Orgs.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres; EdUnB, 2009. p. 47-72.

ou em se atribuir qualidades ou defeitos a pessoas que têm características tradicionalmente pertencentes ao sexo/gênero oposto. Esta ocorre quando homens, por exemplo, apresentam características consideradas pertencentes ao universo feminino. A “homofobia individual” que estaria relacionada a uma forma de intolerância específica a gays e lésbicas e teria seus desdobramentos na utilização de termos como “gayfobia” e “lesbofobia”. Esta última, para o autor, teria sua especificidade em demarcar um duplo preconceito, contra o gênero feminino e contra a sexualidade. Nesta acepção, “a lésbica sofre uma violência particular advinda de um duplo menosprezo, pelo fato de ser mulher e por ser homossexual. Diferentemente do gay, ela acumula discriminações contra o sexo e contra a sexualidade.”²⁶

Ainda nesse mesmo sentido, é necessário distinguir a homofobia afetiva, que Borrillo resalta como de caráter psicológico e que em seus discursos condena a homossexualidade como algo inaceitável, da homofobia cognitiva que ele explica como sendo a que atua no campo social e que se encarrega de perpetuar as diferenças entre heterossexualidade e homossexualidade, como ocorre, por exemplo, quando se nega direitos civis a casais homossexuais que são totalmente aceitáveis e inquestionáveis a casais heterossexuais, como é o caso do casamento civil e do direito à adoção²⁷.

Marcelo Natividade e Leandro Oliveira²⁸ contribuem com nossa discussão aproximando-nos de formas distintas de homofobia presentes nos discursos religiosos que pouco se discutem, mas que estão no nosso cotidiano. Nomeadas por “homofobia cordial”, “pastoral” e “religiosa”²⁹, essas formas de homofobia, embora partam de um ideário que prega práticas de preconceito e discriminação, guardam especificidades próprias quanto à maneira que se apresentam no espaço religioso. A homofobia cordial, contrariamente a algumas formas que segregam e excluem as pessoas devido à sua orientação sexual, aproxima as pessoas LGBT’s de determinadas figuras no espaço religioso estabelecendo com elas uma relação de superioridade moral, condicionando-as a uma relação de assujeitamento, portanto, mantendo a perpetração de formas sutis de violência. Na homofobia pastoral, ocorre uma tentativa de aproximação através da perspectiva do acolhimento embasado no discurso de acolher para salvar/curar e, por fim, a homofobia religiosa seria um conjunto de “práticas e discursos que se baseiam em valores religiosos

²⁶ BORILLO, 2009, p. 23.

²⁷ BORILLO, 2009, p. 19-21.

²⁸ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 121-161.

²⁹ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 128-133.

que opera por meio de táticas plurais e polimorfas de desqualificação e controle da diversidade sexual.”³⁰

Nesse contexto, o termo homofobia aparece de diversas maneiras, mas todas elas traduzem-se em preconceito e discriminação. Detentoras/res de seus princípios éticos e valores morais, munidas/os por conhecimentos específicos e reguladas/os por um currículo, as/os docentes, interagem nesse espaço chamado escola, posicionando-se diante das manifestações homofóbicas ou de homoafetividade. Como nos explica Louro³¹, negar, ocultar e rejeitar a existência de homossexuais na sala de aula, fingir que elas/es não existem, possibilita que educandas/os gays e lésbicas reconheçam a si mesmas/os como desviantes, malquistas/os, desprezíveis e insignificantes e sejam acometidas/os por chistes/zombarias e insultos no ambiente e nas atividades escolares³².

Procedimentos metodológicos

Participaram desse estudo 208 (duzentos e oito) docentes de 9 (nove) unidades escolares de ensino básico das redes públicas – estadual e municipal – situadas na cidade de Pelotas/RS. A pesquisa utilizou questionário com questões abertas e fechadas como instrumento de coleta de dados e para a projeção e análise de tendências das informações foi realizada toda tarefa de processamento e compilação dos dados em planilhas Excel. Para a equivalência e comparação dos dados aferidos nas categorias a serem analisadas, foi utilizada a proporcionalidade percentual. Para a emergência das categorias de análise, utilizamos as tabelas de análise de conteúdo de Bardin³³, na sequência foram criadas subcategorias empregando as técnicas de análise temática de Minayo³⁴, a partir de então, ancorados nos estudos dessas autoras e demais teóricas/os que fundamentam essa investigação, foram realizadas as discussões e análises dos resultados.

³⁰ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 132.

³¹ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

³² LOURO, 1997, p. 67-68.

³³ BARDIN, 1979.

³⁴ MINAYO, 2004.

Apresentação e discussão dos resultados

De maneira geral apresentamos, resumidamente, os dados com maiores índices que compõem o perfil das/dos 208 (duzentos e oito) docentes participantes desse estudo. O maior número de respondentes encontra-se na faixa etária entre 30 e 39 anos de idade (34%/71) e o menor entre 20 e 29 anos (5%/10). As mulheres representam 89% (186) de docentes, sendo que no que concerne ao estado civil 64% (132) são casadas/os ou vivem com companheira/o e 76% (157) têm filhas/os. O maior índice, 94%, são heterossexuais (194), 77% (160) são docentes do ensino fundamental, 36% (74) são do ensino fundamental I e 41% (86) do ensino fundamental II. Quanto à área de conhecimento, 36% (74) são docentes da área de linguagens, códigos e suas tecnologias e 34% (70) do CAT³⁵. Por fim, 36% (75) possuem de zero a dez anos de docência e 55% (115) são sindicalizadas/os.

Iniciamos a apresentação dos dados, distribuindo o universo total de respondentes conforme suas religiosidades declaradas.

Tabela 1: Distribuição de docentes segundo a declaração de suas religiosidades:

Religião	Respondentes	
Católica	62	30%
Protestante	30	15%
Espírita	63	30%
Não Professa	53	25%
Total	208	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Para a equivalência dos dados utilizamos por critério, a proporcionalidade percentual, como já citado anteriormente. Assim, o total de respostas de cada religiosidade declarada passa ter a validade de 100% na projeção e análise de tendências das informações.

Nas tabelas seguintes (2 a 9) apresentamos e discutimos dados referentes aos posicionamentos de docentes, considerando suas práticas pedagógicas, suas religiosidades e seus valores morais.

Questionadas/os se a escola está preparada para tratar de temas como homofobia e homossexualidade, podemos notar na tabela 2 a similaridade entre os índices aferidos em todas as religiosidades. Os índices menores apresentam-se no quesito “preparada” e os

³⁵ CAT – currículo por atividade - é composto pela alfabetização, letramento e disciplinas dos anos iniciais. O CAT é ministrado por apenas uma/um docente durante todo o ano letivo para uma mesma turma.

maiores em “despreparada”. Em suma, os dados evidenciam que na opinião das/dos pesquisadas/os a escola não está preparada para tratar sobre esses temas.

Tabela 2: Distribuição de docentes segundo opinião sobre o preparo da escola para tratar de temas como homofobia e homossexualidade, considerando a religiosidade declarada:

Preparo da escola para tratar de temas como homofobia e homossexualidade	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Preparado/a	2	3%	2	3%	1	3%	1	2%
Parcialmente preparado/a	27	44%	25	40%	13	43%	24	45%
Despreparado/a	32	52%	35	56%	14	47%	25	47%
Não Respondeu	1	2%	1	2%	2	7%	3	6%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Quanto ao costume de posicionar-se diante de questões sobre identidades sexuais e de gênero na escola, os dados da tabela 3 mostram que a maior incidência de docentes espíritas e que não professam religião costuma posicionar-se “na maioria das vezes” enquanto que, nas religiosidades católica e protestante o maior índice aparece no quesito “algumas vezes”. Os resultados indicam que docentes espíritas e que não professam religião posicionam-se mais que católicas/os e protestantes diante dessas questões na escola.

Tabela 3: Distribuição de docentes segundo o posicionamento diante de questões sobre identidade sexuais e de gênero na escola, considerando a religiosidade declarada:

Costume de posicionar-se diante de questões sobre identidades sexuais e de gênero na escola	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Todas às vezes.	12	19%	14	22%	5	17%	12	23%
Na maioria das vezes.	12	19%	21	33%	7	23%	15	28%
Algumas vezes.	16	26%	15	24%	8	27%	11	21%
Raramente. Apenas quando pedem minha opinião.	14	23%	8	13%	8	27%	10	19%
Não costumo posicionar-me.	8	13%	4	6%	2	7%	4	8%
Não Respondeu	0	0%	1	2%	0	0%	1	2%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Questionadas/os se trabalham sobre diversidade sexual em suas aulas, os dados da tabela 4, indicam que em todas as expressões de religiosidade o maior índice se apresenta na resposta de que trabalham sobre o tema quando este aparece.

Tabela 4: Distribuição de docentes segundo o desenvolvimento de temas sobre diversidade sexual em aula, considerando a religiosidade declarada:

Desenvolvimento de temas sobre diversidade sexual em aula	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Sim. Apenas se tiver no currículo ou no programa	2	3%	0	0%	1	3%	1	2%
Sim. Mesmo que não esteja no currículo	5	8%	12	19%	2	7%	11	21%
Sim. Quando o tema aparece	26	42%	31	49%	16	53%	22	42%
Não. Não faz parte da minha disciplina	8	13%	3	5%	4	13%	4	8%
Não. Não me sinto preparada/o	17	27%	14	22%	7	23%	14	26%
Não Respondeu	4	6%	3	5%	0	0%	1	2%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Podemos notar, ainda, que quanto a trabalhar essas questões, mesmo que não estejam no currículo, docentes que não professam religião e espíritas apresentam respectivamente os maiores índices, enquanto que católicas/os e protestantes, maiormente declaram não trabalhar o tema por não fazer parte da disciplina. Quanto à afirmação de não trabalhar por não se sentirem preparadas/os podemos notar que os índices se apresentam de forma aproximada. Diante dessas considerações, podemos inferir que, dentre as/os docentes pesquisadas/os, católicas/os e protestantes são as/os que menos abordam o tema da diversidade sexual em suas aulas.

Questionadas/os sobre o grau de concordância com a afirmação “*Deus fez a mulher para o homem para que se casem e constituam família*”, verificamos que o índice de concordância total apontado por protestantes é maior. Ao consideramos conjuntamente os índices de concordância total e parcial, podemos notar uma proximidade entre protestantes e católicas/os. Com índices menores, há também proximidade entre espíritas e as/os que não professam religião.

Tabela 5: Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “*Deus fez a mulher para o homem, para que se casem e constituam família*”, considerando a religiosidade declarada:

“Deus fez a mulher para o homem para que se casem e constituam família”	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	22	35%	7	11%	18	60%	8	15%
Concorda Parcialmente.	23	37%	15	24%	7	23%	7	13%
Indiferente.	3	5%	8	13%	0	0%	6	11%
Discorda Parcialmente.	6	10%	9	14%	2	7%	4	8%
Discorda Totalmente.	8	13%	24	38%	1	3%	25	47%
Não Respondeu.	0	0%	0	0%	2	7%	3	6%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Uma análise geral dos dados da tabela 5 nos remete a consideração de que docentes protestantes e católicas/os em sua maioria, defendem a constituição de família como sendo resultado de relações heterossexuais³⁶, o que nos leva à percepção de que consideram apenas essas relações como legítimas e que desaprovam a constituição de famílias homoparentais³⁷. Relacionando os resultados dessa análise com os estudos de Borrillo³⁸ pode-se constatar a presença da homofobia afetiva, que tem a homossexualidade como algo inaceitável e a homofobia cognitiva, que prima pela prevalência de direitos a pessoas heterossexuais, neste caso o direito a constituir família e o direito à salvação divina, o que também nos remete à homofobia religiosa, que através de discursos religiosos menospreza e reprime a diversidade sexual, conforme explicado por Natividade e Oliveira³⁹.

Tabela 6: Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “Essa coisa de homem com homem, mulher com mulher, homem querendo virar mulher e mulher querendo virar homem não é de Deus. Se a pessoa tiver fé ela pode ser curada”, considerando a religiosidade declarada:

Essa coisa de homem com homem, mulher com mulher, homem querendo virar mulher e mulher querendo virar homem não é de Deus. Se a pessoa tiver fé ela pode ser curada.	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	2	3%	0	0%	7	23%	1	2%
Concorda Parcialmente.	3	5%	1	2%	10	33%	1	2%
Indiferente.	5	8%	1	2%	0	0%	4	8%
Discorda Parcialmente.	3	5%	2	3%	2	7%	3	6%
Discorda Totalmente.	49	79%	58	92%	10	33%	43	81%
Não Respondeu.	0	0%	1	2%	1	3%	1	2%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Em relação à concordância com a afirmação “Essa coisa de homem com homem, mulher com mulher, homem querendo virar mulher e mulher querendo virar homem não é de Deus. Se a pessoa tiver fé ela pode ser curada”, apresentada nos dados da tabela 6, podemos constatar que os maiores índices estão entre as/os docentes protestantes. Os índices de concordância apontados nas demais expressões de religiosidades não são significativos. Em suma, ao observar os dados podemos inferir que a mais da metade das/dos docentes protestantes pesquisadas/os consideram que a orientação homossexual e a transexualidade

³⁶ Relações entre homens e mulheres cisgênero.

³⁷ Famílias constituídas a partir de relações entre pessoas do mesmo sexo/gênero.

³⁸ BORILLO, 2009.

³⁹ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009.

podem ser modificadas para a homossexualidade por meio da crença e prática religiosa, configurando-se essa prática como homofobia pastoral⁴⁰.

A tabela 7 nos apresenta os índices de concordância e discordância das/dos respondentes quanto à afirmação “Não discrimino, mas acho que ser gay é pecado”.

Tabela 7: Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “Não discrimino, mas acho que ser gay é pecado”, considerando a religiosidade declarada:

Não discrimino, mas acho que ser gay é pecado	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	2	3%	0	0%	7	23%	1	2%
Concorda Parcialmente.	2	3%	0	0%	9	30%	0	0%
Indiferente.	7	11%	3	4%	2	7%	6	11%
Discorda Parcialmente.	2	3%	1	2%	0	0%	0	0%
Discorda Totalmente.	48	77%	59	94%	10	33%	45	85%
Não Respondeu.	1	2%	0	0%	2	7%	1	2%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

As/os docentes protestantes expressam um índice de concordância superior aos das/dos demais, atingindo 53% (16) de respondentes, considerando a concordância total conjuntamente com a parcial. Os índices de concordância aferidos nas outras categorias não se apresentam como significativos. Quanto à discordância, o maior índice apontado é aferido entre as/os docentes espíritas. Os dados apresentados nos permitem considerar que, dentre as religiosidades estudadas, a protestante demonstra maior tendência em considerar a homossexualidade como um pecado, caracterizando-se como homofobia religiosa⁴¹.

Tabela 8: Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “Acredito que temos que preservar nossos valores morais e com base neles, sempre tentar dar uma orientação quando surge a questão da homossexualidade na sala de aula”, considerando a religiosidade declarada:

Valores morais pessoais como base de orientação para questões sobre homossexualidade na sala de aula	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	18	29%	24	38%	14	47%	21	40%
Concorda Parcialmente.	19	31%	9	14%	11	37%	15	28%
Indiferente.	4	6%	0	0%	1	3%	1	2%
Discorda Parcialmente.	8	13%	12	19%	1	3%	4	8%
Discorda Totalmente.	12	19%	17	27%	2	7%	10	19%
Não Respondeu.	1	2%	1	2%	1	3%	2	4%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

⁴⁰ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 128-133.

⁴¹ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 128-133.

Conforme os dados obtidos na tabela 8 sobre o grau de concordância ou discordância com a afirmação *“Acredito que temos que preservar nossos valores morais e com base neles, sempre tentar dar uma orientação quando surge a questão da homossexualidade na sala de aula”*, as/os docentes protestantes apresentam o maior índice de concordância. Dentre os índices de discordância, docentes espíritas apresentam o índice mais elevado. Ainda que a religião protestante apresente o maior índice de concordância e a espírita o maior de discordância, ao observarmos os dados podemos inferir que indiferentemente da manifestação de religiosidade, maiormente os valores morais e pessoais orientam os posicionamentos das/dos docentes pesquisadas/os quando surgem questões sobre as homossexualidades na sala de aula. De acordo com os estudos das autoras e autores que fundamentam esta investigação, posicionamentos docentes pautados em valores morais incidem em vários tipos de homofobia no ambiente escolar, tanto a homofobia geral, a individual, a afetiva e a cognitiva⁴², quanto a cordial, pastoral e a religiosa⁴³, promovendo assim a segregação, exclusão, hostilidade e violência física e simbólica de pessoas LGBT's⁴⁴.

A tabela 9 apresenta o grau de concordância e discordância das/dos entrevistados em relação à afirmação *“Todo mundo fala no respeito aos homossexuais. Mas e o respeito às pessoas heterossexuais, onde fica?”*.

Tabela 9: Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação *“Todo mundo fala no respeito aos homossexuais. Mas e o respeito às pessoas heterossexuais, onde fica?”*, considerando a religiosidade declarada:

Todo mundo fala no respeito aos homossexuais. Mas e o respeito às pessoas heterossexuais, onde fica?	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	13	21%	17	27%	12	40%	8	15%
Concorda Parcialmente.	14	23%	15	24%	8	27%	12	23%
Indiferente.	11	18%	5	8%	5	17%	11	21%
Discorda Parcialmente.	7	11%	8	13%	1	3%	5	9%
Discorda Totalmente.	16	26%	16	25%	1	3%	15	28%
Não Respondeu.	1	2%	2	3%	3	10%	2	4%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

⁴² BORILLO, 2009, p. 19-21.

⁴³ NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 128-133.

⁴⁴ LOURO, 2007, p. 19-20.

Os dados apontam que, maiormente, professando ou não religiosidade, as/os docentes pesquisadas/os acreditam que pessoas heterossexuais são desrespeitadas quando se reivindica respeito às pessoas LGBTs. Como justificativa para a prática homofóbica de refutar as reivindicações de direitos às pessoas LGBTs, na atualidade, sustentada em correntes de pensamentos conservadores, fundamentalistas e religiosos, vêm se propagando o mito da “heterofobia”. A heterofobia seria então, segundo suas/seus propagadoras/res, o preconceito destinado a pessoas heterossexuais por meio da imposição destas/destes a uma cultura homossexual. A “heterofobia” se configura como uma falácia, um mito, uma vez que a norma social fundamenta-se na heterossexualidade, constituindo assim o que se denomina por heteronormatividade⁴⁵. A sociedade por ser heteronormativa reconhece a heterossexualidade como a única orientação sexual legítima e normal⁴⁶⁴⁷⁴⁸ e, dessa forma, garante às pessoas heterossexuais um número maior de direitos em relação às pessoas homossexuais – homofobia cognitiva⁴⁹. Ao centrarmos a análise das respostas nas religiosidades declaradas no estudo, podemos averiguar que o maior índice de concordância (67%/20) e o menor de discordância (6%/2) da referida afirmação se encontram apontados na religião protestante, caracterizando-a como a que mais considera que a concessão de direitos às pessoas LGBT’s cerceia os direitos das/dos heterossexuais.

Sintetizando os resultados

Os resultados dessa investigação evidenciaram que indiferentemente de professar ou não religiosidade, as/os docentes em sua maioria consideram a escola despreparada para tratar sobre as questões da homofobia e da homossexualidade. Docentes espíritas e as/os que não professam religião costumam trabalhar mais com os temas da diversidade sexual e posicionam-se mais diante de questões sobre identidades sexuais e de gênero na escola que as/os docentes católicas e protestantes. Pode-se verificar ainda que, indiferentemente de professar ou não religião, a maioria das/dos docentes pesquisadas/os, diante de questões sobre as homossexualidades na sala de aula, orienta seus posicionamentos tendo por base seus valores morais e pessoais, considera que pessoas heterossexuais são desrespeitadas

⁴⁵ DINIS, 2011.

⁴⁶ JUNQUEIRA, 2009a.

⁴⁷ BORRILLO, 2015.

⁴⁸ LOURO, 2007.

⁴⁹ BORRILLO, 2009, p. 19-21.

quando se reivindica respeito às pessoas LGBTQs, acreditam na existência da “heterofobia”. Evidencia-se também que docentes protestantes e católicas/os, em sua maioria, não aceitam a constituição de famílias homoparentais e consideram apenas as relações heterossexuais como legítimas. Docentes protestantes, em maioria, afirmam que a homossexualidade e a transexualidade podem ser “*curadas*”/alteradas através de crenças e práticas religiosas e as consideram como um pecado. Alegam que a concessão de direitos às pessoas LGBTQs cerceia os direitos das/dos heterossexuais. A culpabilização de LGBTQs pelo preconceito, discriminação e violências que sofrem, maiormente é expressa por docentes que não professam religião.

Considerações Finais

Esse estudo teve por objetivo investigar se as crenças religiosas de docentes interferem em suas práticas pedagógicas e no combate da homofobia na escola e contou com a participação de 208 (duzentos e oito) docentes de vários níveis e modalidades de ensino, advindas/os de nove escolas das redes públicas de ensino básico, situadas na cidade de Pelotas/ RS.

A partir das análises realizadas, foi possível detectar que os posicionamentos e práticas pedagógicas das/dos docentes, maiormente, em todas as categorias analisadas, são permeadas por correntes de pensamentos conservadores, fundamentalismos religiosos e são atravessadas por diferentes formas de homofobia – geral, individual, afetiva, cognitiva, cordial, pastoral e religiosa. Destarte, salientamos que o ambiente escolar é imbricado por individualidades, personalidades, valores, crenças, dilemas e conflitos que compõe o cotidiano das vidas humanas. Diante dos apontamentos aqui apresentados, concluímos que práticas pedagógicas atravessadas por pensamentos conservadores e pela religiosidade atuam para além da reprodução da homofobia na escola, mas, sobretudo, promovem sua produção. A homofobia, assim como toda forma de preconceito e discriminação, é uma forma de inferiorização do outro, de desumanização. É a negação da condição e dignidade humana. Defendemos aqui, a laicidade da educação para que verdadeiramente ela possa ser de todas/os e para todas/os. Por fim, ressaltamos que, na escola, assim como na vida cotidiana, nas mais variadas situações, nas mais distintas, das mais simples às mais complexas, na sala de aula ou em qualquer outro ambiente e espaço, são construídos saberes, sujeitos, corpos, identidades, diferenças e similitudes, portanto, consideramos de

fundamental importância a inclusão do debate sobre gêneros e sexualidades nas grades curriculares promovendo, assim, o entendimento e o respeito às diferentes identidades sexuais e de gênero na escola, pois lidar com essa relação de lutas, repressões e resistências advindas da homofobia presente nesse espaço, ainda é um desafio para a educação brasileira.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BORILLO, Daniel. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (Orgs.). *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres; EdUnB, 2009.

_____. *Homofobia – história e crítica de um preconceito*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO, Rosimary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, no. 39, p. 39-50, Editora UFPR, jan./abr. 2011.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). *Revista de Educação PUC*, Campinas, vol. 19, no. 3, p. 195-204, set./dez. 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/UNESCO, 2009a.

_____. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In: XAVIER FILHA, Constantina (Org.). *Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual*. Campo Grande: UFMS, 2009b.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobias em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, vol. 2, p. 121-161, 2009.

PORTELA, Rodrigo. Discurso religioso, legitimidade e poder: algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller. *Fragmêntos*, Goiânia, vol. 16, no. 7/8, p. 567-576, jul./ago. 2006. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/46/43>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, Luciano Pereira dos. *Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola*. [Dissertação de Mestrado]. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelotas, 2016.